

NOTICÁRIO

DEFESA DA TESE APRESENTADA AO DOUTORAMENTO NA CADEIRA DE FILOSOFIA DA FACULDADE DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS E LETRAS DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO PELO LICENCIADO LAERTE RAMOS DE CARVALHO

Com a tese *A Formação Filosófica de Farias Brito*, conseguiu o grau de doutor em filosofia pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, no dia 26 de novembro de 1951, o licenciado Laerte Ramos de Carvalho, assistente da Cadeira de Filosofia, exercendo interinamente, no momento, as funções de professor da Cadeira de História e Filosofia da Educação.

Formado em 1942, pela secção de Filosofia da Faculdade, onde hoje exerce a função de professor, o licenciado Laerte Ramos de Carvalho foi, em 1944, convidado a ocupar o cargo de assistente da Cadeira de Filosofia, regida pelo professor João Cruz Costa. Em 1948, começou a exercer também o cargo de 1.º assistente da Cadeira de História e Filosofia da Educação, da qual é hoje professor. Desde 1947 é redator especializado de "O Estado de São Paulo", onde, além disso, tem publicado artigos sobre temas de filosofia e educação.

Em 1946, publicou, no Boletim LXVII, Filosofia n.º 2, da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, um trabalho sobre *A Lógica de Monte Alverne*, no qual manifestava já sua decisão de tratar os problemas da história do pensamento brasileiro e apresentava um método de trabalho realmente novo na história da pesquisa filosófica no Brasil, com um cuidadoso levantamento dos "livros-fontes" que serviram à elaboração do *Compêndio* do ilustre eclesiástico. Completava-se este método pelo escopo que se propunha: buscar uma *compreensão* da vida intelectual brasileira, antes de uma *explicação* apressada. Ao invés de adotar uma fórmula, bebida nas filosofias mais ou menos recentes que nos chegam da Europa, e construir uma teoria apressada sobre o nosso passado, debruçar-se sobre este e, com simpatia e ao mesmo tempo objetividade, na medida em que esta é alcançável, penetrar na sua intimidade, recriá-lo, particularmente no seu aspecto intelectual. Nada de buscar "valor, originalidade, força criadora, capacidade de penetração nos problemas da filosofia", que, sem dúvida, "são qualidades que acompanham todo autêntico filósofo, mas não devem constituir a linha norteadora de uma investigação objetiva da história filosófica nacional". Buscar tais qualidades seria seguir a direção que tomara Silvio Romero. Seria obra de polemista, não de historiador. O professor Cruz Costa já indicara esse caminho de simpatia e compreensão. Seus trabalhos, entretanto, de caráter geral e panorâmico, abrangendo a história toda do pensamento brasileiro, não poderiam resolver os problemas que se oferecem ao historiador que se detém num aspecto ou numa vida, problemas metodológicos específicos que exigiam uma solução.

O trabalho de 1946 vinha já apontar um caminho. Na esteira por ele aberta e aperfeiçoada pelo trato maior com os problemas da filosofia no Brasil, foi, com o mesmo cuidado e honestidade, realizada a tese sobre a formação filosófica de Farias Brito, trabalho cuja realização só a *formação universitária especializada* poderia permitir.

Falando dos processos empregados na realização de estudos sobre o nosso passado filosófico, dos nossos críticos que foram na esteira de Silvio Romero sem ter o mesmo valor, escrevia no trabalho já citado o professor Laerte Ramos de Carvalho: "estes críticos se colocam em uma posição sistemática, escolhem um **modelo**, e, dessa posição, desse modelo, examinam o valor da obra, a sua originalidade, a sua força criadora". Ora, dificilmente se encontra um **filosofante** brasileiro mais prejudicado pela escolha desses modelos do que Farias Brito. O pensador patricio tem sido interpretado das mais variadas formas, conforme as predileções pessoais dos estudiosos que lhe examinaram a obra e não dentro do **sentido** de sua própria vida e de suas próprias aspirações. Até mesmo a filosofia existencialista já foi encontrada nas páginas escritas pelo autor de **O Mundo Interior**... Urgia, para compreendê-lo, abdicar desses modelos, desses prejuízos e assumir uma atitude ao mesmo tempo de simpatia e de crítica, atitude que exige, antes de tudo, uma sólida formação filosófica e histórica, capaz de abrir aos olhos do historiador das idéias um vasto panorama do humano, sem comprometê-lo com as últimas modas, criações muitas vezes efêmeras do espirito, e capaz ainda de fazê-lo ver que as filosofias não são mais **verdadeiras**, umas que as outras, pelo simples fato de ser mais recentes...

Pois bem, o professor Laerte Ramos de Carvalho assumiu essa atitude. Antes de indagar das **soluções** que o pensador cearense dera aos problemas da filosofia, desceu êle às perguntas que Farias Brito formulara, muito mais sintomáticas do que as respostas. Estas vieram ao sabor das leituras e informações, revestidas de uma linguagem que nem sempre Farias Brito compreendeu bem. Aquelas vinham das suas próprias preocupações, ligadas ao meio humano em que se desenvolveu o seu pensamento. Portanto, depois de afastar as "prevenções e os prejuízos" que poderiam modificar a marcha do trabalho, o A. procurou um sólido ponto de apóio para traçar o "itinerário espiritual" de Farias Brito: as perguntas que êste formulou e que revelam o sentido de sua vida. Lembra, aliás, o professor Laerte Ramos de Carvalho que "a unidade, se unidade existe nas obras de Farias Brito, advém sobretudo das perguntas que formulou, com notável constância, durante todo o seu longo itinerário intelectual, mas não das respostas que propôs como solução dos problemas filosóficos". Seguindo por êste caminho, pôde o A. compreender, contra a quase totalidade dos estudiosos que examinaram os escritos do pensador cearense, que "não há um sistema na obra de Farias Brito, mas, sim, vários "sistemas" que se justapõem e se organizam, sem se integrar perfeitamente, ao acaso de suas leituras".

Estruturado metodologicamente o trabalho, e depois de criterioso exame dos primeiros escritos de Farias Brito, publicados especialmente no **Libertador** e na **Quinzena**, e do levantamento minucioso dos livros-fontes que serviram a Farias Brito em seu período de formação, foi possível ao autor delimitar a marcha do pensamento do **filosofante** cearense. Tomando do conceito de finalidade, fundamental na obra de Farias Brito, traçou, com o seu auxilio êsse caminho, mostrando o panorama em que esta se desenvolveu. Estabeleceu assim três fases distintas no desenvolvimento intelectual de Farias Brito: "1) **fase cearense**, que se estende de 1886 a 1901; 2) **fase paraense**, que abrange o período compreendido entre 1901 e 1908; 3) **fase carioca**, que se desenvolve de 1909 até 1917", limitando o seu trabalho, dentro da primeira fase, até o ano de 1895.

A TESE E SUA SIGNIFICAÇÃO

A tese do professor Laerte Ramos de Carvalho, com 180 páginas, compõe-se de uma Introdução, seguida dos seguintes capítulos: I. — O Programa de uma Filosofia; II. Da Psicologia Tradicional à Nova Psicologia; III. — Poesia Científica e Poética Idealista; IV. — Farias Brito e a crise política

de 1892; V. — O “sistema” da Finalidade do Mundo em 1895 e Conclusão. Consta ainda de Apêndices, nos quais são divulgados alguns dos artigos de Farias Brito publicados no *Libertador* e na *Quinzena*, bem como de extensa bibliografia, na qual se destaca, particularmente, a tabua de “Livros-Fontes”, obras que serviram a Farias Brito durante o período de sua formação filosófica.

Pretendeu o A., em sua tese, como já tivemos oportunidade de fazer ver, estudar objetivamente o período de formação de Farias Brito, afastando todos os escolhos de uma explicação apressada e apaixonada. Contrariando a opinião de vários estudiosos que trataram de Farias Brito, mostrou o A. que o pensador cearense se vinculava à chamada Escola de Recife, sendo, portanto, um discípulo de Tobias Barreto. Essa compreensão inicial permitiu ao prof. Laerte Ramos de Carvalho afastar as falsas interpretações, segundo as quais Farias Brito seria um spinozista ou, como queria um de seus estudiosos, um adversário de Tobias e das idéias em voga, tais como o evolucionismo, o positivismo, o haeckelianismo, etc. Pelo contrário, a tese nos mostra um Farias Brito mergulhado nas idéias de seu tempo, ainda que em geral mal compreendidas, a participar de nossa vida mental, a sentir algumas das experiências políticas de sua época. Se êle não é a mais legítima expressão da consciência nacional, é, pelo menos, um homem de seu tempo, voltado para os problemas que afligiam a nossa elite. Assim é que, amparado em Lange e em Ribot, principalmente, êle se lança à análise da psicologia, discutindo as idéias da frenologia, para rejeitá-las, entusiasmando-se com a psico-física, criticando e discutindo a psicologia etnográfica. Assim é que, seguindo na esteira de seu autor dileto — Lange, segundo nos mostra a tese — que êle toma posição contra a poesia científica, como a entendia Martins Junior. É assim que, diante da desilusão que lhe trazem os acontecimentos de 1892, êle se volta para o domínio do religioso, certo de que as velhas religiões estão mortas — e nessa certeza é preciso não esquecer a influência de Spencer, Comte, etc. — disposto a fundar a sua religião naturalista. É como homem de seu tempo que êle sente o problema moral, êsse permanente problema que, sempre, nos conduz ao humano, nos abre “janelas para a paisagem humana”.

Êsse é, a nosso ver, o mérito inicial da tese: compreender Farias Brito como um discípulo de Tobias, mergulhado no seu meio e no seu tempo, descobrindo, ao acaso de suas leituras filosóficas, soluções para perguntas que lhe vão surgindo da vida, de sua convivência humana.

Além disso, com enorme paciência, o A., confrontando textos, descobrindo relações, pôde, com exatidão, localizar praticamente tôdas as fontes que serviram para a elaboração dos contraditórios e variáveis “sistemas” do pensador cearense. Assim, as páginas muitas vêzes obscuras, sem sentido, do autor de *Evolução e Relatividade* foram iluminadas e esclarecidas. As leituras ao acaso, uma vez desvendadas, fazem compreender muitas das estranhas idéias de Farias Brito. Lida a tese, se tais idéias continuam estranhas, sabe-se ao menos como e porque o malgrado pensador cearense chegou a concebê-las.

*
* *
*

Durante a sessão de doutoramento, que passaremos a resumir nas linhas que se seguem, disse um dos examinadores, o professor Lívio Teixeira, que a tese do professor Laerte Ramos de Carvalho era um marco na história das idéias no Brasil, um modelo para qualquer trabalho nesse gênero. Cremos que o referido examinador foi feliz em sua expressão. O trabalho é, efetivamente, um modelo, seja pela sua realização, seja, principalmente, pelo método. Um método que, em grande parte ligado à tradição diltheynista, foi convenientemente repensado para servir à história das idéias no Brasil. E, com isso, ganhou precisão e força.

A DEFESA DE TESE

A banca examinadora, que examinou e aprovou com distinção a tese de doutoramento do licenciado Laerte Ramos de Carvalho, foi constituída dos seguintes professores: João Cruz Costa, presidente, Fernando de Azevedo, Livio Teixeira, Milton da Silva Rodrigues e José Querino Ribeiro.

Iniciando os trabalhos da defesa de tese, foi dada a palavra ao professor Milton da Silva Rodrigues. Este, inicialmente, fez o elogio da tese por êle examinada, ressaltando, entre outros méritos, suas características de verdadeiro trabalho científico, pelo grau de especialização e profundidade. Pediu, a seguir, que o candidato falasse das possíveis relações entre o pensamento de Farias Brito e o desenvolvimento das idéias pedagógicas no Brasil. A seguir, perguntou ao candidato se não considerava contraditórias as seguintes passagens de sua tese: "A coerência que podemos descobrir nos escritos de Farias Brito é ditada pela lógica do coração e do sentimento; é o depoimento de uma alma inquieta que procurou nos livros, inutilmente, o sentido de sua própria existência" (pág. 31) e "Farias Brito é bem o exemplo de um homem que buscou nos livros a justificação da certeza íntima que trazia no coração" (pág. 51).

Respondendo ao professor Milton da Silva Rodrigues, o candidato agradeceu-lhe os elogios, ressaltando, particularmente, o significado da atitude daquele professor pelo respeito às especializações, respeito êsse característico de um verdadeiro universitário que, interessando-se pelo desenvolvimento de todos os setores da cultura, sabe, entretanto, que não é possível dominar a todos. Passou depois o professor Laerte Ramos de Carvalho a tratar das relações do pensamento de Farias Brito com o desenvolvimento das idéias pedagógicas no Brasil. Inicialmente, lembrou que êsse assunto poderia dar motivo a uma tese, particularmente pelo fato de ainda não ter sido estudado. Aliás, acrescentou o candidato, de uma forma geral a história das idéias pedagógicas no Brasil ainda não foi feita. Exceção aos trabalhos de Primitivo Moacir que, assim mesmo, são apenas um repositório de documentos, quase nada existe nesse setor. Contudo, o que se poderia afirmar a respeito da ligação de Farias Brito com a evolução das idéias pedagógicas no Brasil é que êste esteve intimamente ligado à imprópriamente chamada Escola do Recife. Como discípulo de Tobias, liga-se à crítica do pensador sergipano às idéias vigentes, inclusive no setor da pedagogia. Passando à possível contradição apontada pelo examinador, o licenciado Laerte Ramos de Carvalho disse que as frases, aparentemente contraditórias, se explicam pela própria psicologia de Farias Brito. Talvez exista mesmo contradição, mas esta é do próprio Farias Brito, alma inquieta que, trazendo no coração uma certeza, a certeza de sua "missão", ficou a dialogar com os livros, procurando justificar essa certeza, descobrir o sentido de sua própria existência, isto é, esclarecer essa missão.

Após a arguição do prof. Milton da Silva Rodrigues, foi dada a palavra ao professor Fernando de Azevedo. Começou êste por felicitar o candidato pela excelência da tese. Dizendo das razões de sua satisfação por deparar com semelhante trabalho, afirmou o prof. Fernando de Azevedo serem elas as seguintes: 1) Pelo plano da tese que, nas suas linhas gerais, já denuncia a lucidez de quem o executou; 2) Pela capacidade de penetração do candidato, capacidade esta tanto maior quanto mais difícil era o tema a analisar, dificuldade esta proveniente do caráter contraditório e assistemático da obra de Farias Brito. "O candidato — disse o prof. Fernando de Azevedo — descobriu o fio de Ariadne que lhe permitiu, com destreza, desembaraço e elegância, encontrar os caminhos e as saídas dêsse labirinto"; 3) Pela análise severa e sem paixão, com linguagem sóbria e precisa, pela clareza que se ajusta à dignidade do trabalho filosófico; 4) Pelo fato de ser uma das melhores monografias sobre a história do pensamento brasileiro, situando-se na linha de pensamento que, progressivamente, vem de Silvio Romero ao professor João Cruz Costa. Passando às objeções ao trabalho, o professor Fernando de Azevedo formulou as seguintes reservas: 1) Pelo seu caráter, o trabalho deveria

chamar-se **Evolução** e não **Formação** de Farias Brito; 2) Não há razões para a separação do capítulo sobre O “sistema” da **Finalidade do Mundo em 1895** da parte referente à evolução do conceito de finalidade, situada na **Introdução**. Tais partes ficariam melhor em um só capítulo; 3) O início do capítulo sobre a crise política de 1892 deveria estar na **Introdução**, entrosada na biografia, já que o candidato interrompe sua exposição a êsse respeito, no citado capítulo, para tratar do pensamento metafísico-religioso de Farias Brito; 4) O candidato parece haver titubeado no que se refere às relações entre os fatos políticos, econômicos, sociais enfim, e as idéias. Assim, a certo instante parece ressaltar a importância dos fatos políticos, como no caso da deposição do general José Clarindo, e, em outros, parece desprezá-la quando afirma que não é possível fazer da história das idéias simples decorrência das formas de estrutura e de processos sociais determinados. E, mesmo ao dar realce aos fatos políticos, não desce o candidato à análise das relações entre estes e os fatos sociais-econômicos que constituem a sua base. A seguir, fez o professor Fernando de Azevedo duas perguntas ao candidato, pedindo-lhe esclarecimentos: 1) Qual foi, afinal, a influência de Spinoza sobre Farias Brito? Foi este um spinozista ou sofreu apenas ligeira influência do pensador judeu? 2) Poderia o candidato esclarecer melhor a passagem da pág. 27, referente ao conceito de força?

Respondendo ao prof. Fernando de Azevedo, o candidato lembrou, inicialmente a importância e o significado da obra pedagógica e sociológica daquele professor. Passando depois às objeções formuladas pelo examinador, tratou inicialmente da legitimidade do título de sua tese, explicando que preferira a palavra **formação** a **evolução** porque, antes de 1899, Farias Brito apenas tateava no terreno da filosofia. A seguir, explicou que a parte da introdução referente à evolução do conceito de finalidade não poderia ser deslocada para o capítulo sobre O “sistema” da **Finalidade do Mundo em 1895** porque, enquanto este se referia a um momento preciso da evolução das idéias de Farias Brito, a análise do conceito de finalidade servira para determinar, na sua qualidade de peça fundamental da obra do pensador cearense, as etapas vencidas pelo seu pensamento. Quanto à objeção seguinte do prof. Fernando de Azevedo, disse o candidato que a crise política de 1892 foi decisiva para o pensamento de Farias Brito. Antes dessa data, êle nem sequer se propusera o problema religioso. Dessa forma, procurando a tese traçar o itinerário espiritual de Farias Brito, não poderia ela completar-se sem que se insistisse devidamente nos fatos que marcaram decididamente o seu pensamento. “Por essa razão, explicou o candidato, foi esta passagem incluída no corpo da tese e não na biografia que abre a introdução”. A respeito da observação do prof. Fernando de Azevedo sobre a “timidez” do candidato no que se refere às relações entre as idéias e os fatos sociais, políticos e econômicos, disse êste que, na realidade, não fôra por timidez que não enfrentara o problema. Explicando a sua posição, leu a seguinte passagem de sua tese: “Se não é possível, hoje em dia, fazer-se a história das idéias e das ideologias sem o conhecimento dos **fatores existenciais**, extra-teóricos, que numa situação histórico-social “condicionam” o desenvolvimento espiritual, é mister reconhecer que a recíproca implicação destas duas ordens de fatos só pode ser estabelecida “a posteriori”: a não observância desta exigência constituirá, então, grave falha metodológica” (pág. 136). Passou depois o candidato a responder às perguntas que lhe fizera o examinador. Acêrca da influência de Spinoza sobre Farias Brito explicou que, embora Leonel Franca e Silvio Rabelo afirmem que o pensador cearense era spinozista em suas primeiras obras, êste, na realidade, só conheceu o pensamento do filósofo judeu depois de 1899. Nas suas primeiras obras não revela a menor compreensão do pensamento do autor do **Curto Tratado**. “Interessou-nos saber — disse o licenciado Laerte Ramos de Carvalho — não até que ponto Farias Brito é um spinozista, mas em que medida, lendo o autor da **Ética**, êle o compreendeu e foi influenciado por essa compreensão”. Passando ao trecho referente ao conceito de força disse o candidato, inicialmente,

que Farias Brito fundiu no conceito de força o *incognoscível* de Spencer e a *coisa em si* de Schopenhauer. Esta fusão vinha de encontro às aspirações dos bachareis, que aspiravam a restauração da metafísica, fundindo o evolucionismo e a metafísica schopenhauereana. Num segundo momento, Farias Brito, seguindo a Kuno Fischer, confunde a idéia de força com a idéia de atributo e passa a considerar como forças a matéria e o pensamento. Em um terceiro momento, no livro *Evolução e Relatividade*, passa a considerar a força como matéria e, como tal, incapaz de explicar a consciência.

Após a arguição do prof. Fernando de Azevedo, foi dada a palavra ao prof. José Querino Ribeiro, que, após afirmar que não encontrara na tese do candidato nada que pudesse levar a uma séria objeção, dispôs-se a fazer certas observações ao trabalho. Disse, inicialmente, que não se convencera de que o tema merecesse todo o esforço dispendido pelo candidato. Afirmou depois que o licenciado Laerte Ramos de Carvalho limitara o seu trabalho até o ano de 1895, ultrapassando, entretanto os limites prefixados. Finalmente, afirmou que, no início do V capítulo, págs. 97/9, o candidato empregara a palavra *positivo* em dois sentidos diversos — o filosófico e o vulgar — indiscriminadamente.

Respondendo ao prof. Querino Ribeiro, o licenciado Laerte de Carvalho, depois de ressaltar os méritos do examinador, disse, em relação à primeira objeção, que em história não há assuntos mais ou menos nobres. Todo e qualquer assunto histórico é digno da atenção do historiador. "A preocupação de meu trabalho — afirmou o candidato — foi mostrar as ligações de Farias Brito com as opiniões e os anseios da época. Seu trabalho sobre Stuart Mill, seus artigos sobre psicologia, suas opiniões sobre a poesia são reações a correntes de idéias de seu tempo. Farias Brito ignorado seria uma grave lacuna na história das ideologias no Brasil. Passando ao segundo ponto, respondeu o candidato que, se muitas vezes ultrapassara os limites a que restringira o seu trabalho, fôra pela necessidade de enquadrar a época estudada no conjunto da vida de Farias Brito, porque é esta, no seu todo, que ilumina, esclarece e dá sentido a cada uma das partes. Finalmente, o licenciado Laerte Ramos de Carvalho, disse que empregara os conceitos de *positivo* e *positivismo* indiscriminadamente, no sentido filosófico e no vulgar, porque considerara desnecessário distinguir os dois sentidos, pelo fato de serem eles sobejamente conhecidos.

O candidato foi, a seguir, arguido pelo prof. Lívio Teixeira, que considerou a tese como um verdadeiro marco no estudo da história das idéias no Brasil e um modelo para qualquer trabalho nesse gênero. Analisou o método de trabalho empregado, ressaltando os seus méritos e fazendo ver a sua importância. Lamentou apenas que a tese não abrangesse toda a evolução espiritual de Farias Brito. Lamentou ainda que o candidato não tivesse mostrado exaustivamente as ligações de Farias Brito com seu meio e sua época.

O prof. Laerte Ramos de Carvalho, agradecendo os elogios do examinador, disse que sua tese pudera ser realizada graças ao espírito verdadeiramente universitário, ao amor pela pesquisa honesta, à paciência no manuseio dos textos, coisas que, em grande parte, aprendera, como aluno, do próprio professor Lívio Teixeira. Explicou depois que uma análise de toda evolução de Farias Brito suporia um estudo demorado das relações deste com Jackson de Figueiredo, Nestor Vitor, Rocha Pombo e outros, bem como um estudo completo do pensamento brasileiro dos fins do Império e da República, trabalho para um grupo de estudiosos e não para um indivíduo.

Concluindo os trabalhos do doutoramento do professor Laerte Ramos de Carvalho, falou o professor João Cruz Costa, que, na qualidade de diretor da tese, presidia a sessão. Inicialmente, o prof. Cruz Costa agradeceu ao licenciado Laerte Ramos de Carvalho os serviços prestados, durante sete anos, à Cadeira de Filosofia, na qualidade de seu primeiro assistente, bem como os elogios dirigidos a seus trabalhos, na conclusão da tese que estava sendo examinada.

Passando a falar sôbre a tese, lembrou o prof. Cruz Costa que esta foi elaborada com inteira liberdade, embora o doutorando o informasse, constantemente, das "suas vicissitudes no convívio com a obra de Farias Brito". A seguir, disse o prof. Cruz Costa: "V. S. sabe que eu não pertenço ao grupo dos entusiastas de Farias Brito. No entanto, fui eu que lhe sugeri o tema que V. S. tão bem estudou. Talvez essa minha sugestão fôsse ditada pela dúvida que eu alimentava em relação à minha atitude para com a obra de Farias Brito. Eu desejava que um moço, sério como V. S., estudasse e fizesse inteira justiça àquêlê que alguém já disse haver sido "o intérprete das nossas ânsias de infinito" — aquêlê em que se sente o "verdadeiro despertar da nossa consciência"... V. S. ao examinar a obra de Farias Brito com inteira justeza, fêz-lhe, ao mesmo tempo, justiça e, como se vê do seu trabalho, não concluiu que o estudioso cearense tenha sido como queria ainda aquêlê mesmo autor que louvava a "primeira voz em que ouvimos a sonoridade de nossa alma". Indicou V. S., com precisão, os marcos da incerta trajetória do pensamento de Farias Brito, estabelecendo uma interessante bibliografia cronológica de suas obras e trazendo, para o conhecimento do "sistema" de F. Brito, uma interessante taboa de "livros-fontes", onde o nosso patricio estancou a sua incerta e incessante curiosidade filosófica. Mostrou ainda V. S. a soma enorme de contradições dêsse homem deslumbrado e incerto, que indefinidamente adia as metas do seu pensamento, que aderiu aqui a uma nova fórmula para passar logo depois a novas fórmulas que os navios da linha da Europa iam despejando nesta estreita faixa de costa onde, de onde em onde, bruxoleia a luz mais intensa de um centro cultural... Revelou V. S., no seu trabalho, a persistência, o denodo, a fidelidade que Farias Brito, num meio hostil a tais cogitações, sempre manteve em relação aos estudos filosóficos".

"Patenteou V. S. — para quem souber ver — que Farias Brito, embora contrário a Augusto Comte, sofreu-lhe, em grande parte, a influência, não fugindo, assim, a essa espécie de fascínio que a grande filosofia do Mestre de Montpellier exerceu, e talvez ainda exerça, em nossa terra. V. S. exibiu muito bem tôdas as "vicissitudes" do pensamento de Farias Brito. Contribuiu, dêsse modo, para esclarecer um momento dos mais curiosos e interessantes da não menos interessante e curiosa história das idéias em nossa terra".

Respondendo ao professor João Cruz Costa, o candidato fêz rápido exame da importância do papel por êste desempenhado, por intermédio dos seus livros e de suas aulas, para o progresso do estudo da história das idéias no Brasil. Agradeceu depois os elogios e os ensinamentos do professor Cruz Costa.

Após as palavras do professor Laerte Ramos de Carvalho, foi suspensa a sessão, reunindo-se a banca examinadora para dar o seu julgamento final sôbre a tese. Reaberta a sessão, o prof. Cruz Costa tornou público êsse julgamento, revelando que o professor Laerte Ramos de Carvalho fora aprovado com distinção.

ROQUE SPENCER MACIEL DE BARROS.